

O NADA DILATADO

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola de Belas Artes - Artes Visuais / Escultura

Trabalho de Conclusão de Curso

Camila Felícitas

Rio de Janeiro, 16 de Junho de 2019

Orientadora

Prof^a Liliane Benetti

Banca examinadora

Prof^a Marina Fraga

Prof^a Mayana Redin

CIP - Catalogação na Publicação

Rn Ramirez de Castro, Camila Felicitas
O nada dilatado / Camila Felicitas Ramirez de
Castro. -- Rio de Janeiro, 2019.
82 f.

Orientadora: Liliane Benetti.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais: Escultura,
2019.

1. linguagem poética. 2. escrita de artista. 3.
variação de escalas. 4. escultura. 5. videoarte. I.
Benetti, Liliane, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Agradecimentos:

Agradeço a Lili, minha orientadora, que me incentiva a escrever e me ajudou a perceber melhor meu trabalho. Aos meus professores da graduação, do colégio e todos aqueles que me ensinaram alguma coisa. Ao Observatório do Valongo, pelas palestras e observação dos astros abertas ao público. A UFRJ, pelo ensino público de qualidade. A todos os meus amigos pelas conversas e pelos bons momentos que passamos juntos, especialmente ao Vinícius Balarini que contou uma história que me inspirou a escrever o primeiro capítulo. A minha irmã e melhor amiga Silvana Rocío pelo apoio. Aos meus pais, Catalina Ramirez e Leonardo de Castro, por tudo. Aos meus avós e todos os meus ancestrais.

Resumo

Os temas abordados em *O nada dilatado* foram pensados por centenas de gerações anteriores a mim. Eles já foram estudados e discutidos por cientistas, filósofos, poetas e artistas — seres humanos interessados em entender e explicar o que acontece no mundo. O mundo se torna cada vez mais complexo graças ao conhecimento gerado e, ao mesmo tempo, mais simples, pois à medida que a tecnologia se desenvolve as tarefas que desempenhamos são realizadas de modo mais fácil e automatizado. Não sabemos como todas as nossas ferramentas funcionam, embora isso não nos impeça de utilizá-las. Aliás, elas são tão fáceis de manusear que vagamente pensamos em como elas operam. Os manuais de instruções não são necessários porque todo mundo sabe que o que vai acontecer quando se liga a televisão é exatamente o que se espera dela. E quando ela ficar doente apenas um especialista poderá curá-la. Enquanto o conhecimento da humanidade aumenta ele também se concentra e se subdivide, cada vez mais, em especialidades. Utiliza-se o conhecimento criado anteriormente sem necessariamente se retornar a ele.

Por outro lado, recebemos uma quantidade massiva de informações que muitas vezes não procuramos. As mais questionáveis fontes de informação são levadas em consideração sem escrúpulos. Somos bombardeados por imagens que passam deslizando rapidamente de baixo para cima diante de nossos olhos que ardem, cansados. O sistema cognitivo está falhando. Verdades e mentiras são dispostas no mesmo plano e, por mais que saibamos procurar referências legítimas, as inverdades coexistem na mente como fantasmas que se tornam mais opacos apenas porque desfilam deslizando incessantemente.

Diante de tudo que nos é oferecido, sabendo que há muito mais interesses do que “o tentar entender e explicar o mundo” por trás de uma informação, proponho trabalhos e textos poéticos sobre questões que implicam o próprio processo

de conhecer a realidade. Abordo temas como diferenças entre as escalas humana e geológica, tempo, percepção, linguagem e memória. O objetivo é criar novas versões de entendimento sobre o mundo para além do que se absorve. Os textos são vinculados a um conjunto pontual de trabalhos realizados durante a graduação e suas respectivas referências teóricas. A escrita oscila entre a descrição de meus processos artísticos e uma elaboração ficcional.

Palavras-chave: linguagem poética; escrita de artista; variação de escalas; escultura; videoarte.

Sumário

<i>I. Relógio cósmico.....</i>	<i>19</i>
<i>II. Lua crescente em virgem.....</i>	<i>29</i>
<i>III. Planetas não piscam.....</i>	<i>37</i>
<i>IV. Netuno.....</i>	<i>42</i>
<i>V. Como nasceram as palavras?.....</i>	<i>48</i>
<i>VI. 20181011_114359_2.....</i>	<i>52</i>
<i>VII. Beira do fundão.....</i>	<i>55</i>
<i>Considerações finais.....</i>	<i>58</i>
<i>I.....</i>	<i>58</i>
<i>II.....</i>	<i>64</i>
<i>III.....</i>	<i>69</i>
<i>IV.....</i>	<i>71</i>
<i>V.....</i>	<i>71</i>
<i>VI.....</i>	<i>74</i>
<i>VII.....</i>	<i>75</i>
<i>Índice de imagens.....</i>	<i>78</i>
<i>Bibliografia.....</i>	<i>80</i>



I. Relógio cósmico

Talvez um quarto de século de vida não seja tempo suficiente para alguém escrever bem sobre o tempo, mas talvez meio século não seja melhor. Quanto mais tempo é gasto na sucessão ininterrupta de acontecimentos, dos mais insignificantes aos dignos de serem narrados, menos se tem (tempo) para pensar sobre isso. Aos cinco anos tive medo de esquecer o que acontecia na minha vida e me preocupava em recapitular mentalmente os acontecimentos e experiências de uma criança. Talvez aquela época fosse a melhor para escrever sobre o tempo, pois o sentia passar em sua essência, sem metáforas e comparações com eventos que ocorrem durante um período. Estava certa, não lembro de quase nada, mas sou tudo que aconteceu, mesmo sem lembrar. Assim como o resto do mundo que também é tudo o que lhe acontece. Mesmo que as pessoas não lembrem em quem votaram nas últimas eleições, o chão lembra, as paredes, as águas, os banheiros, as bibliotecas, os museus e as barragens lembram.

Estamos contidos em um tempo parado, constante e invisível. Se não fossem as voltas dos astros em torno de si e do Sol, modificando o céu com suas luzes e escuridão, o tempo seria um Deus que os céticos acreditariam na última hora. Ao tempo não dedicaríamos tantas festas, se não fosse também por nós e nosso movimento em espiral pelo universo. Andamos distraídos construindo Sistemas de Transporte e escrevendo mensagens de aniversário – mesmo que o Sol e os outros planetas não passem exatamente pelo mesmo ponto que passaram quando o aniversariante nasceu e, talvez por isso, às vezes nos sentimos um pouco indispostos no dia do nosso próprio aniversário. Apesar disso, decidimos não passar em branco, porque é mais fácil marcar o tempo do que senti-lo passar. Temos medo que ele passe e apertamos mais uma vez o botão do elevador, pois detestamos esperar, não vamos chegar a tempo e, quando finalmente a porta do elevador se abrir no último andar, se abrirá para uma parede de concreto cinza rente ao buraco do elevador que não descerá nunca mais. Na verdade, o tempo está parado como areia de uma ampulheta entupida, como uma pedra dura que a água tanto

bate até que fura. O furar da pedra, o crescimento das plantas, o ovo sendo cozido, os meses de gestação, estações do ano, a quantidade de espera de um ônibus que não chega no ponto não são o tempo. São eventos que se desenrolam em uma duração contabilizada. São as modificações em cadeia que vão acontecendo nas coisas ao longo da passagem do tempo, que vão carimbando gentilmente tudo que existe.

Se não houvesse tempo, tudo que é possível escrever já estaria escrito. Todo trabalho terminado, seria o fim de expediente, já teríamos chegado em casa e a janta estaria pronta, a louça lavada, os dentes escovados e não seria necessário colocar o despertador para tocar após oito horas de sono saudável. Se todo o tempo já tivesse passado eu já teria chegado em todos os lugares que deveria chegar quando ainda estava a caminho atrasada, a angústia teria passado, assim como as obsessões e os espíritos que voam aqui na terra por não terem se desapegado da matéria. A matéria seria toda igual, carne, computador, livro, blusa, maçã, cometa, luneta, seriam tudo a mesma coisa, já teriam enferrujado, enrugado, apodrecido, deteriorado, biodegradado, colidido, queimado, se incorporado à natureza, se transformado em terra, água, ar e fogo e renascido pela última vez em algo uniforme, constante, estável, duradouro, eterno — seria o novo dinheiro, tudo seria matéria preciosa. Quando o tempo inteiro acabar, todos os planetas terão feito todos os aspectos entre si, e todas as possibilidades de seres humanos terão nascidos, com todas as possíveis combinações de Sol, Lua, Mercúrio, Marte, Vênus, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, Plutão e ascendente. Quando todo o tempo já estiver passado eu não vou estar mais aqui, pensando no que escrever, nem pensando se tenho algo pra escrever, ou se esse algo é relevante porque tudo será irrelevante. Tudo será sem a menor importância, porque já passou, acabou e está calmamente morto. O texto da nossa vida será salvo para sempre automaticamente. A história completa do universo será o diário mais verdadeiro e mais secreto, pois não haverá ninguém para lê-lo no final. Todas as fotos de todos os momentos de todas as vidas serão postadas nas redes sociais e os algoritmos terão salvo e identificado cada combinação de Sol, Lua, ascendente etc no banco de dados.



Segundo o dicionário momento é:

- 1 - instante;
- 2 - período curtíssimo;
- 3 - ocasião precisa em que algo acontece;
- 4 - oportunidade.



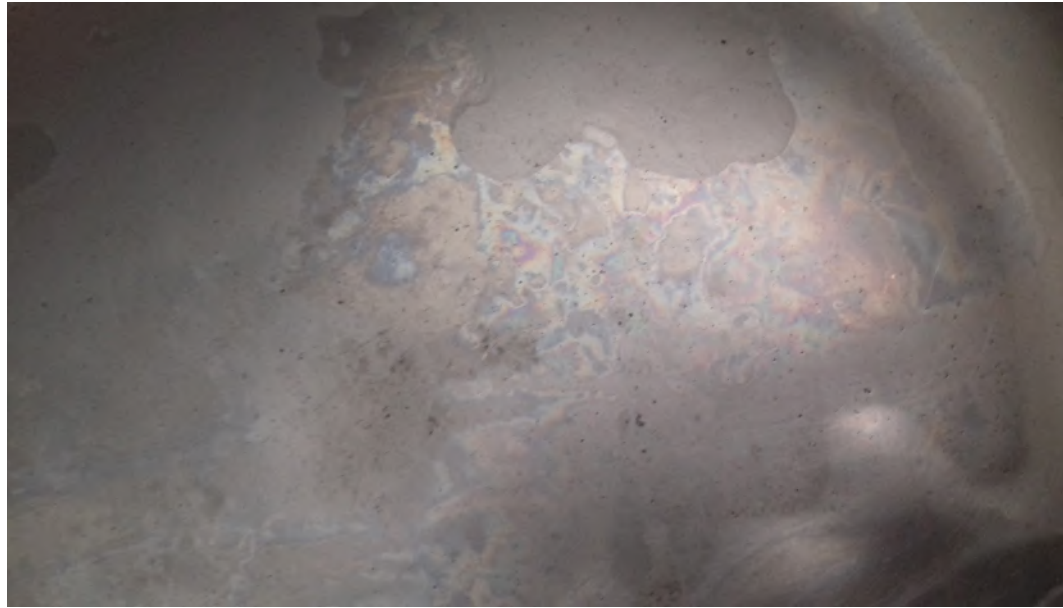
Sentada em um banco na praça observo uma banda que ensaia para o carnaval, levo um susto na ocasião precisa em que um coquinho se espatifa no chão. O barulho que só eu ouvi, baixíssimo comparado ao som dos trompetes, xequerês, chocalhos e tamborins, foi seco e macio, bastante importante para o susto. Tendo em vista o tapete, verde-amarelo-rosa-roxo, de amêndoas que forra a praça inteira, sem dúvida o susto não se deu pelo fato delas caírem. O sobressalto ocorre simplesmente porque caiu na minha frente, no momento em que estava prestando atenção em outra coisa (ou em coisa nenhuma), inesperadamente bateu em mim. Enquanto tudo no universo acontece sucessiva e simultaneamente, um evento da vida de uma planta em algum determinado instante despertou uma reação em meu corpo. Entre nove e dez e meia da noite de um dia de fevereiro, na hora exata que um fruto encontrou a terra, levei um susto, porque minha atenção foi retirada abruptamente de um fluxo próprio por algo que também seguia seu próprio fluxo em direção ao chão. Chegamos no chão no mesmo instante.

Vejo um parafuso no parapeito da janela do sexto andar. A janela tem uma grade de ferro e é impossível tirar o parafuso que lá enferruja manchando o mármore de laranja, ao menos que subam em andaimes e o retirem por fora da janela. Ele aparenta estar caído inútil nesse lugar há muito tempo, tem uma mancha bem embaixo dele, mas também tem outras próximas como se ele tivesse sido um pouco movido pelo vento. Um dia ele foi feito em alguma fábrica junto com milhares de outros iguais que agora estão espalhados por janelas, mesas, portas e armários, com objetivo de prender o cenário do mundo. Mas, por enquanto, vai continuar enferrujando para sempre, até que se dissolva na pedra, ou até que um vento forte o bastante o derrube, ou um pombo o agarre pelo bico e o leve para terminar de se desfazer em outro lugar. Por enquanto, todos os seus momentos serão enferrujar e rolar alguns milímetros. E quando ele terminar esse processo, assim com todos os pregos e parafusos do universo, o tempo do relógio cósmico parará.



O relógio cósmico é um objeto produzido para dimensionar a totalidade inacessível de existência do universo. Ele é um pote de vidro, dentro dele há uma pedra pendurada dentro de uma rede. Os furos da rede são bem menores do que a pedra. O objetivo da pedra é passar pela rede e cair no fundo do pote.





II. Lua crescente em virgem

A memória infantil da Lua me pareceu maior do que aquela Lua que via a partir de um certo momento da vida em que as primeiras percepções são postas em dúvida. Como a sensação de entrar em uma casa que parece ter encolhido desde que a deixamos quando ainda éramos criança.

Há 4,5 bilhões de anos o diâmetro da Lua, vista daqui da Terra, era maior do que o diâmetro que vemos hoje. Nosso único satélite natural está 18 vezes mais longe do que estava na infância do planeta. Atualmente a Lua se afasta a uma taxa de 4,07 cm/ano¹. Isso ocorre porque o movimento de rotação de nosso planeta está ficando mais lento, conseqüentemente nossos dias estão mais longos. Um dia no planeta embrião se passava como um dia no útero materno, com as exatas horas necessárias para as divisões celulares. Os dias eram todos iguais: cheios de acasos que geram novas substâncias, moléculas, proteínas, microorganismos e seres que precisam cada vez mais de mais tempo, de dias com horas maiores para se desdobrar.

Antigamente a Lua vigiava a Terra de perto, como uma mãe cuida de seu filho pequeno. O bebê Terra chorava maremotos gigantescos e a água era quente. Conforme o planetinha foi crescendo, a mãe pôde alargar sua órbita gradualmente e o mar foi se acalmando. Em 1969, os filhos da Terra visitaram sua lua avó levando-lhe de presente um espelho. Daqui da Terra os netos e netas lançam, na direção do espelho, um raio laser, que é refletido e retorna, possibilitando medir a distância entre os dois astros. Através dessa tecnologia comprova-se o afastamento entre mãe e filho celestes.

¹ Disponível em: <<https://www.dm.ufscar.br/dm/index.php/component/attachments/download/19>>. Acesso em: 17/ 04/ 2019.

A atração gravitacional entre Terra e Lua gera as marés, puxando a água fluida em direção à Lua e na direção oposta. Como a órbita da Lua é elíptica, ela exerce uma força maior quando está no ponto mais próximo da Terra e uma menor força no ponto mais afastado, gerando marés altas e baixas respectivamente. Segundo cientistas, a fricção, gerada pelas marés, entre a crosta terrestre e a água está diminuindo gradativamente o movimento de rotação do planeta e a reação oposta é o aumento da velocidade da rotação da Lua. Consequentemente, altera sua órbita.

Em uma noite de 2018 em que a Lua crescia passando pelo signo de virgem, entrei na rede social Facebook pronta para sofrer o aumento na velocidade do girar do tempo (como no início do tempos), quando, entre uma publicação e outra, encontrei um convite para uma palestra sobre os planetas gigantes no Observatório do Valongo, no Rio de Janeiro. Depois haveria uma observação dos astros. A palestra começaria em 40 minutos. Com a roupa que estava, juntei numa bolsa itens essenciais e saí de casa.

Ao ver a Lua pelo telescópio pela primeira vez me surpreendi com a nitidez: podia ver suas crateras, como nas fotos dos livros. Pensei, em algum momento, estar vendo uma minúscula fotinho parada no outro lado da lente. Quase não conseguia aceitar a imagem que a tecnologia me permitia alcançar, como se engolissemos os trezentos e oitenta e quatro mil e quatrocentos quilômetros entre nós e a Lua. E talvez a luazinha tenha parecido uma foto porque, apesar de nítida, ela é pequena. Ela continua longe. O telescópio não nos leva até a Lua, tampouco traz a Lua para Terra. Apenas sua imagem chega aos olhos. E a distância entre a Lua, as lentes, os olhos, o cérebro e as memórias é tão grande que o número 384.400 não dá conta de seu significado.

Qual é a quantidade de 384.400 km? Para pessoas acostumadas a quantidades numéricas, este valor não significa nada além de trezentos e oitenta e quatro mil e quatrocentos quilômetros. O diâmetro da Terra tem por volta de 10.000 km.² Há aproximadamente 30 Terras entre a Terra e a Lua. Um avião normal, viajando a 1.000 km/ hora, levaria pouco mais de duas semanas para chegar à Lua³. De carro, demoraria 5 meses, 22 dias, 16 horas e 5 minutos⁴.

² Disponível em: <astro.if.ufrgs.br/escala/escala.htm>. Acesso em: 17/04/2019.

³ dem.

⁴ considerando que o carro viaje em velocidade constante de 100 km/ hr, sem pausas.



Por causa do movimento da Lua, o telescópio é ajustado de vez em quando, em intervalos de alguns poucos minutos. Assisto seu movimento ao vivo. Aproximo a lente da câmera do celular à lente ocular do telescópio e faço um vídeo das imagens que o celular consegue “ver” pelo telescópio. É difícil manter os dois aparelhos se encarando por muito tempo. Essa fuga entre olhos resulta em um escape da imagem completa e fixa da Lua, como se ela estivesse sendo iluminada por uma lanterna, e não pelo Sol. Sua superfície é investigada por um feixe circular, como se o tamanho de seu corpo fosse maior do que o foco de luz.

Posteriormente, desejei ver a Lua que vi no telescópio, com seus detalhes e crateras, no céu a olho nu. Vi surgir de repente, no céu de poucas estrelas, recortado pelos prédio e montanhas, que olho sem lentes todos os dias, uma luazona gigante. Ela não vinha ao nosso encontro como se fosse colidir. Estava lá como um elemento cenográfico que foi projetado para um determinado cenário. Uma empena de um prédio, na rua Uranos em Ramos, foi escolhida como superfície sobre a qual projeto minha superfície lunar.

A parede lateral do prédio não tem nenhuma janela, mas não é lisa, possui duas crateras circulares de uns 10 e 15 centímetros de diâmetro em média. Não tem explicação aparente para existência delas. Não são janelas, não estão alinhadas ortogonalmente, não possuem tamanhos iguais, nem cabos saindo, também não são buracos que atravessam a parede revelando o outro lado. São erosões causadas pelo impacto de corpos redondos, que provavelmente se destruíram na colisão. O vídeo de uma Lua com mais ou menos um metro de diâmetro foi projetado nessa parede, somando-se suas crateras.





III. Planetas não piscam

Quando vi Saturno pelo telescópio pela primeira vez foi emocionante comprovar que seu formato realmente é como dizem os livros e a internet. Ele de fato se diferencia por seus anéis, que possivelmente são restos de luas que colidiram entre si ou com outros corpos como cometas ou asteróides, se esfarelando em pedras, poeira e gelo⁵. Esses vestígios orbitam o planeta, atraídos por sua força gravitacional. Segundo os cientistas, os anéis estão sendo puxados para dentro do planeta⁶. Estima-se que desaparecerão em 300 milhões de anos⁷.

Acredito que a aparência específica de Saturno perca o impacto na nossa imaginação porque a olho nu ele é apenas uma estrela igual às outras. Poucos notam o planeta mais longe visível a olho nu, no céu de cidade. Não é como um dente de leite que um dia cai e podemos vê-lo de fora da boca, na palma da mão, e entender sua forma. Sem telescópio, Saturno existe como mais uma luz pendurada no teto do céu, e somos obrigados a confiar no que nos ensinam, como a maioria das informações que obtemos nas escolas. A verdade pisca para nós, como se fugisse com medo de ser presa. O conhecimento humano avança sobre o conhecimento humano, acrescentam-se fadas do dente e moedas de troca, descobertas às descobertas de gerações anteriores a nós. Entre elas estão camadas de cobertores tecidos de ideias que somam anos-luz de espessura.

Saturno parece fugir da minha vista, como a verdade que não se deixa apreender. Sua imagem escapa da lente

5 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A9is_de_Saturno> Acesso em: 25/04/2019.

6 Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2019/02/11/os-jovens-e-efemeros-aneis-de-saturno/>> Acesso em: 25/04/2019.

7 Idem.

do telescópio mais rapidamente do que a da Lua, e o aparelho tem que ser ajustado com maior frequência. É como se a velocidade do planeta fosse maior do que a velocidade do satélite, ambos em relação à Terra. Na verdade, não sei porquê isso acontece, acho que é porque o planeta está mais longe do que a Lua e, com a rotação da Terra, o perdemos de vista primeiro.

Capturar a imagem do planeta, novamente juntando a lente da câmera do celular à lente do telescópio, foi mais difícil desta vez e consigo apenas 5 frames de imagens de Saturno. Na edição, destaco o perder e encontrar o planeta. No vídeo ele aparece e desaparece em looping, como se a realidade fosse uma miragem dura demais para os que se iludem.

Em tempos de fakenews os telescópios deveriam ser mais utilizados. Nunca antes houve tantos meios de comunicação tão rápidos e acessíveis. Na era da revolução informacional as fontes e referências se tornam questionáveis. Mal comparando: é como se cada um tivesse um telescópio apontado fixamente para um teto de igreja barroca acreditando ver o céu.



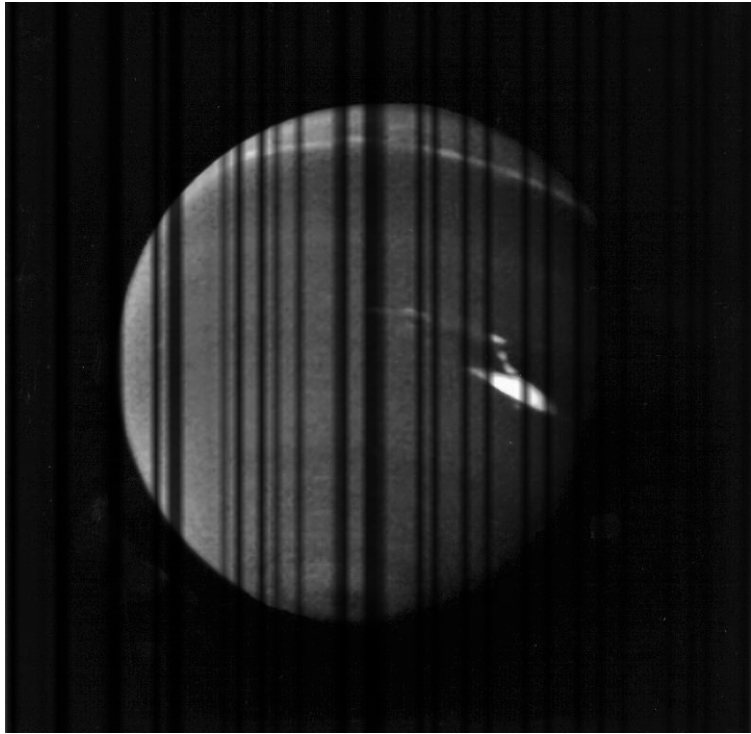


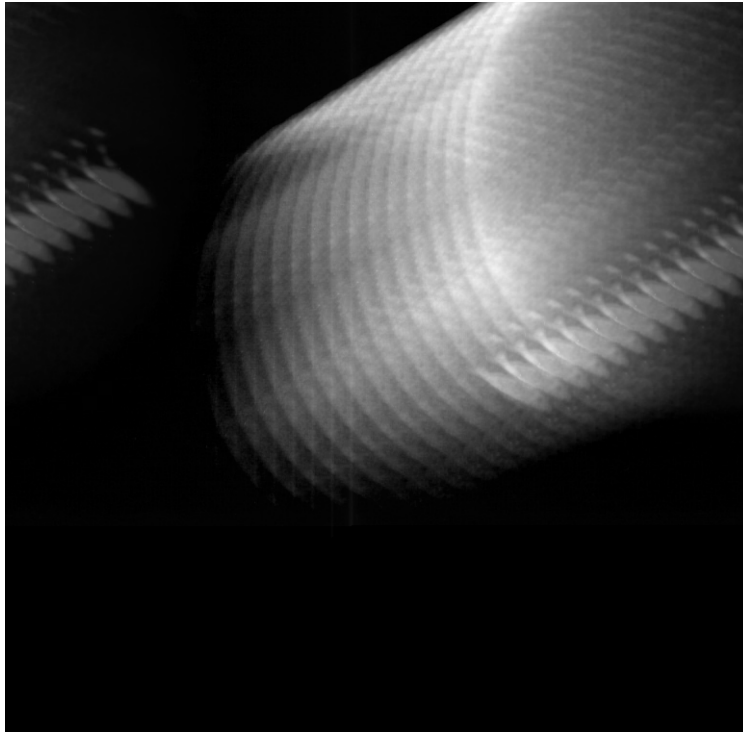


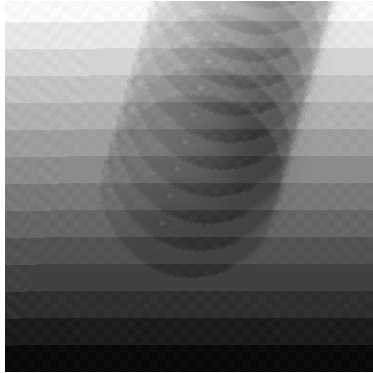
IV. Netuno

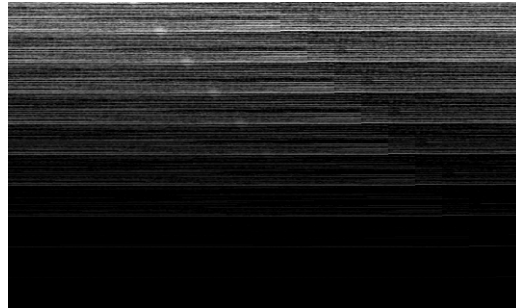
A vida que nasce por lá é igual e oposta à vida na Terra. Para os que lá vivem seria um absurdo imaginar que pudesse haver vida que metaboliza um gás tóxico como o oxigênio, ou que necessita de água ao invés de metano, por exemplo. O lugar tem um som ambiente musical e ensurdecedor, são os seres que ali vivem se comunicando. Através do som repetitivo e organizado, seus corpos se movem sem descanso, dia após dia. O cansaço gerado pelos movimentos reiterados provoca outros movimentos que, ao esgotarem os músculos, são substituídos por novos passos. Assim, novas partes dos corpos daqueles seres foram ativadas ao longo de bilhões de anos, e dançam sem parar. Eles não dormem, estão em uma espécie de transe, vão criando a narrativa de sua civilização musicalmente. Essa linguagem é arquitetura, história, lendas, números, carros, estradas, relações, conversas, piadas e formas. Através dela se alimentam, crescem e se reproduzem. A composição não é registrada mas nunca tem fim, o ritmo varia com os tempos e com as novas gerações de seres que substituem os anteriores.











V. *Como nasceram as palavras ?*

A primeira palavra nasceu quando o ser humano quis separar uma coisa de todas as outras para sempre, assim folha, fruto, flor, caule e semente foram retirados das plantas, as pedras dos penhascos, a água e os peixes do mar, a vida da carne, o bebê da barriga. Até que cada vez mais partículas foram tiradas da matéria, como o sal da água, as escamas e espinhas dos peixes, as cutículas e as células da pele, o gás carbônico e o oxigênio do ar, os nutrientes da terra, os átomos das moléculas e ainda o DNA do núcleo das células e as digitais dos dedos. O processo acontece há um tempo quase infinito.

Muito antes de qualquer história ou religião ter sido contada, na época em que o fogo foi retirado da pedra lascada, a palavra foi tirada de um campo infinito que contém todas as palavras que significam coisas reais ou que ainda seriam imaginadas e inventadas um dia. Dentro de um contêiner gigantesco mergulhavam letras dispostas umas ao lado das outras, vocábulos em potencial de todos os idiomas em voga, extintos e futuros. Para formar as palavras, as letras foram sorteadas de uma nuvem de poeira — símbolos que poderiam formar todos os alfabetos que um dia serão escolhidos pelos seres humanos e seus descendentes para se dizer tudo que tem que ser dito e que ainda não foi dito. Cada palavra é como um número sorteado na loteria, em que cada letra é um algarismo.

Quem gerou a primeira palavra precisou isolar conceitualmente alguma coisa do restante do universo. Tinha os contornos de algo bem definidos na mente (que foi posteriormente separada da cabeça), mas necessitava que alguém olhasse para lá ou pensasse exatamente naquilo contornado imaginariamente. Apontando para o que via com os três olhos, grunhiu e este som específico foi determinado como um nome para a coisa específica. Combinou-se que aquele determinado som trazia a imagem da coisa quando ela não estava presente para ser apontada, ou seja, a tornava presente

Handwritten text in a cursive script, likely a historical document or manuscript. The text is arranged in approximately 20 horizontal lines across the page. The script is dense and difficult to decipher, but appears to be a form of early modern European handwriting. The paper shows signs of age, including some staining and irregular edges.



em um outro campo de visão, não real, mas virtual.

A palavra nasceu da imagem. Linguagem é um feitiço que cria a realidade. O universo nasceu para os seres humanos pela palavra, mesmo que ele já existisse antes da palavra humana. O amor, os acordos, leis, mentiras, sentenças matemáticas, a força da gravidade, a computação, a filosofia, os desentendimentos, os conceitos e insights vieram do verbo. E para tudo isso que surge, novas palavras são lançadas no dicionário, o vocabulário da humanidade aumenta como os objetos, pensamentos, teorias, explicações e erros gramaticais. Possibilidades de realidades são tão infinitas quanto as da linguagem. Haverá um texto em que tudo estará escrito, até o que nunca foi dito. E tudo estará junto, sem o contorno que envolve cada conceito, sem os limites e as membranas celulares. Então tudo será, ao mesmo tempo, uma coisa só e nada específico e o mundo voltará a ser ilegível.

VI. 20181011_114359_2

Daqui de dentro vejo aqueles que também podem me ver de lá de dentro deles. Condenada a existir aqui em mim, nunca vou ser o outro número da chamada. Talvez ano que vem. Mas ainda serei o eu preso aqui nesse corpo mutável e insubstituível. Vocês sempre vão me ver de fora para dentro enquanto eu me olho de dentro para fora, e vice-versa.

A imprevisibilidade dos outros co-criadores da realidade é a própria realidade. Pessoas são como sons que não se escutam com os ouvidos, mas que se misturam em barulhos, diálogos, melodias, gritos e sussurros, inevitavelmente. Com algumas, posso conversar, durante horas, sobre todos os assuntos — e ainda assim, me perguntam, o que passa pela minha cabeça quando me distraio. Outras, mesmo fisicamente perto, estão separadas por uma membrana invisível. Nenhum dos diálogos imaginados serviu.

Nunca, nada aconteceu como imaginei que aconteceria. Sempre, tudo que imaginei nunca aconteceu. Só porque imaginei só. A realidade é um pacto entre as pessoas.

Amigos ou não, não posso alcançá-los inteiramente. Consigo ouvir seus pensamentos além das palavras ditas, mas eles não estão claros. É como estar debaixo d'água. Entender o que eles querem dizer e responder o que querem ouvir — existimos apenas para isso? Na primeira série a professora contou para minha mãe que eu não falava nada de uma às cinco e quarenta e cinco da tarde. Minha mãe me levou numa psicóloga, que fez jogos e testes, e atestou que eu era normal.

Sou a câmera de segurança que observa, sem se envolver, todo tipo de trama social. Meu sistema nervoso central não consegue entender porque os seres humanas não conseguem se entender. Será apenas um problema de comunicação

em plena era da informação? Percebo todas as partes de uma imagem simultaneamente. Não bastam apenas as palavras, elas são insuficientes. Musicalmente isso é bem claro. Toda palavra é som, mas nem todo som é palavra. Geralmente as palavras têm um valor burocrático de atestado racional. Afinal, temos que ter certeza de que assinamos o mesmo pacto. No contrato tem que constar que o som, de cada um, diz, para nós dois, a mesma coisa.

Contra todos os esforços da boca os olhares contradizem as palavras. Sou programada para o reconhecimento das expressões faciais. Ouço o ruído do que eles não dizem com as palavras. Estou instalada no pátio de uma escola e aprendo rápido. Como não tenho boca, falo piscando minha única lente, que enxerga melhor com ajuda de um binóculos. O único som que emito vem do piscar do meu único olho.



VII. Beira do fundo

O Sol é uma estrela que vai existir durante 14 bilhões de anos (hoje ele já tem 4,5 bilhões). Em um determinado momento, próximo do fim, ela se expandirá, tornando-se uma Gigante Vermelha — Mercúrio provavelmente será engolido, a Terra e Vênus talvez também tenham o mesmo destino, ou podem, como os demais planetas, pular para outras órbitas, pois serão cada vez menos atraídos pelo Sol, que perde massa nessa fase. Quando o Sol se expandir em 20% de seu tamanho atual todos os oceanos secarão e a vida na Terra acabará, ao menos que algum ser vivo consiga sair. De todo modo, alguns astrônomos acreditam que a gente acaba com tudo (aqui na Terra) primeiro. Por ser uma estrela de pouca massa, o Sol não vai se tornar um buraco negro, vai virar uma Anã Branca — miçanga de cristal, densa e gelada que habita o aglomerado globular. Antes disso, o Sol libera matéria no meio interestelar — a nebulosa planetária, onde se formam novas estrelas que, se tiverem a sorte do Sol, serão estudadas por seres que buscarão ver além do espectro do visível e, com os elementos químicos criados pelas estrelas, criarão toalhas de mesa, jóias de ouro, capas de chuva, tampinhas de plástico, jarras de abacaxi, todo tipo de objeto interessante que fica boiando até que o Sol morra derretendo tudo.





Considerações finais

I.

“A corrente do rio arrastou-se rapidamente. A percepção foi atordoada por pequenos redemoinhos borbulhando subitamente até se esgotarem em pequenas corredeiras. Não há momentos isolados no rio, não há ponto fixo, apenas momentos cintilantes de duração saliente. [...]”

Robert Smithson⁸

Em *Duração e Simultaneidade*, Henri Bergson interpreta a parte da teoria da relatividade que diz respeito ao tempo. Discorre de maneira que, segundo ele, tudo que fosse dito poderia ser aceito por qualquer filósofo ou cientista. Ele pensa o tempo não apenas como dado matemático, simbólico e convencional, mas leva em conta sua natureza e qualidades reais. Para o primeiro capítulo desta monografia, referente à escultura *Relógio cósmico*, interessa o capítulo “A natureza do tempo”, no qual o autor elabora o conceito do tempo real caracterizando-o em aspectos como sucessão e consciência, a ideia de um Tempo universal, a duração real e o tempo mensurável, a simultaneidade percebida entre fluxos e a simultaneidade percebida entre instantes, o tempo que se desenrola e o tempo desenrolado.

⁸ Tradução nossa. No original: “The current of the river carried one swiftly along. Perception was stunned by small whirlpools suddenly bubbling up till they exhausted themselves into minor rapids. No isolated moment on the river, no fixed point, just flickering moments of tumid duration. [...]”. Cf. SMITHSON, Robert. *Incidents of mirror - travel in the Yucatan* (1969). In: FLAM, Jack (Ed.). *Robert Smithson: The Collected Writings*. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 127.

Relógio cósmico foi exposto em 2018 na individual “Espaço entre dois instantes”, que fez parte da “Mostra de Exposições Individuais - EBA na Phábrica”, no Centro Cultural Phábrica de Arthes, no Rio de Janeiro. Busca-se levar em conta a percepção do tempo e a dificuldade em defini-lo: saber o que realmente é, sem usar as comparações que usamos para medi-lo, como, por exemplo, o espaço percorrido pelos ponteiros do relógio. Uma questão que surge no trabalho é a diferença entre as escalas de tempo de vida humana e dos tempos geológico e cosmológico. Podemos pensar no tempo da humanidade inteira “medido” por tudo aquilo que o ser humano construiu nesse período — linguagem, tecnologia, ciência, objetos, lixo, cultura, religião e a si mesmo, junto e a partir de tudo isso. É a duração de sua evolução em contínuo estado de processo.

Bergson aponta que o tempo depende de uma *consciência* capaz de perceber um fluxo contínuo que escoia ininterruptamente. O tempo não é algo que escoia, nem os estados pelos quais as coisas passam. As coisas e os estados ocorrem ao longo do tempo. O tempo é a *sucessão* incessante, a realidade que dura, que não surge e desaparece, mas que permanece existindo. Essa duração de elos entre o que está sendo e o que se segue seria uma espécie de memória material de todas as coisas, como o final da madurez que já contém o começo do apodrecimento.

“[...] Ela é memória, mas não memória pessoal, exterior àquilo que ela retém, distinta de um passado cuja conservação ela garantiria; é uma memória interior à própria mudança, memória que prolonga o antes no depois e os impede de serem puros instantâneos que aparecem e desaparecem num presente que renasceria incessantemente. [...]”⁹

9 Cf. BERGSON, Henri. A natureza do tempo. In: _____. *Duração e simultaneidade: a propósito da teoria Einstein*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.51.

“[...] Pode-se conceder a essa memória o estritamente necessário para fazer a ligação, será, se quiserem, essa própria ligação simples prolongamento do antes no depois imediato com um esquecimento perpetuamente renovado do que não for o momento imediatamente anterior. [...] pois a duração é essencialmente uma continuação do que não é mais no que é.[...] Duração implica portanto consciência; e pomos consciência no fundo das coisas pelo próprio fato de lhes atribuirmos um tempo que dura.”¹⁰

Essa transição assemelha-se ao fluxo interno de cada um — burburinho mental no qual podemos pôr atenção ou não. A princípio, o tempo confunde-se com a continuidade de nossa vida interior — o tempo de cada um é a duração de sua vida. A vida interior coexiste junto ao corpo e ao resto do mundo material que o circunda ilimitadamente. Toda matéria participa da mesma duração do fluxo interior. Múltiplos acontecimentos ocorrem, ao mesmo tempo, em diferentes lugares do espaço. Essa simultaneidade nos permite vislumbrar um tempo único, *universal* e impessoal. Enquanto, no Brasil, existo e minha consciência percebe uma duração, no Japão outras pessoas existem e a consciência delas participa da mesma duração.

“[...] A cada momento de nossa vida interior corresponde assim um momento de nosso corpo e de toda a matéria circundante, que lhe seria ‘simultânea’: essa matéria parece então participar de nossa duração consciente. Gradualmente, estendemos essa duração ao conjunto do mundo material, [...] o universo nos parece formar um único todo; [...] Nasce, desse modo, a ideia de uma Duração do Universo, isto é, de uma consciência impessoal

10 Cf. *Ibidem*, p.57.

que seria o traço-de-união entre todas as consciências individuais, assim como entre essas consciências e o resto da natureza. Tal consciência captaria numa única percepção instantânea, acontecimentos múltiplos situados em pontos diversos do espaço; a simultaneidade seria precisamente a possibilidade que dois ou mais acontecimentos teriam de entrar numa percepção única e instantânea.”¹¹

Embora duas consciências, em separados pontos do espaço, possam perceber uma duração, como saber se ela é a mesma para ambas, com o mesmo ritmo? Podemos focar nossa atenção no “murmúrio ininterrupto de nossa vida profunda” e/ou nos fluxos externos — como o de um bloco que ensaia para o carnaval e de uma amêndoa caindo. Se os três fluxos correm na mesma duração, através da simultaneidade entre eles, pode-se comparar os tempos.

“[...] Uma escala em termos de ‘tempo’ em vez de ‘espaço’ tomou lugar. O próprio espelho não é sujeito de duração, porque ele é uma abstração em processo que está sempre disponível e sem tempo. Os reflexos, por outro lado, são instantes fugazes que evadem medida. Espaço é o que permanece, ou cadáver do tempo, ele tem dimensões. ‘Objetos’ são ‘espaço falso’, o excremento do pensamento e da linguagem. Uma vez que você começa a ver objetos num modo positivo ou negativo você está no caminho do desarranjo. Objetos são fantasmas da mente, tão falsos quanto anjos. [...]”

Robert Smithson¹²

11 Cf. *Ibidem*, p.52.

12 Tradução nossa. No original: “[...] A scale in terms of ‘time’ rather than ‘space’ took place. The mirror itself is not subject to duration, because it is an ongoing ab-

Como comparar duas durações se uma delas já terminou quando a sobreporíamos à duração seguinte? A duração é indivisível porque o tempo nunca para de se desenrolar, ele é um só¹³. Quando medimos o tempo, medimos uma sucessão que ocorre concomitantemente a um movimento no espaço. Medimos a trajetória, o rastro, que traduz o tempo em uma linha divisível e mensurável. Os pontos da linha corresponderiam aos instantes, às posições de um corpo móvel. No entanto, um corpo móvel nunca está em uma posição parada.

“[...] embora uma duração não tenha instantes, uma linha termina em pontos. E, a partir do momento em que a uma duração fazemos corresponder uma linha, a porções da linha deverão corresponder ‘porções de duração’ e a uma extremidade da linha uma ‘extremidade de duração’: será esse o instante — algo que não existe realmente, mas virtualmente.”¹⁴

Dois fluxos externos simultâneos são convertidos em linhas e pontilhados juntos a um mesmo momento do relógio. Assim, se dá a medição do tempo desenrolado, e o futuro é antevisto. Se a velocidade do tempo que se desenrola fosse acelerada infinitamente, passado, presente e futuro estariam dados de uma só vez, existiriam justapostos eternamente. No trabalho *Relógio cósmico*, a possibilidade poética da pedra atravessar a rede pelo desfazer da pedra, e não da rede, é da

straction that is always available and timeless. The reflections, on the other hand, are fleeting instances that evade measure. Space is the remains, or corpse, of time, it has dimensions. ‘Objects’ are ‘sham space’, the excrement of thought and language. Once you start seeing objects in a positive or negative way you are on the road to derangement. Objects are phantoms of the mind, as false as angels. [...]”. Cf. SMITHSON, Robert Op.cit., p. 122.

13 “[...] toda duração é espessa: o tempo real não tem instantes. [...]”. Cf. BERGSON, Henri. Op. cit., p. 62.

14 Cf. Ibidem, p. 62.

ordem desse tempo dado de uma só vez, onde seu fim está existindo ao mesmo tempo do começo. O relógio é constante, sugere desde o princípio que a pedra caia, embora saibamos que ela nunca atravessará a rede.



Figura 1 – Felix Gonzalez-Torres, "Untitled" (Perfectlovers), 1991, fotografia.

Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/81074>>. Acesso em: 28 mai 2019.

II.

“O astro noturno, pela sua rotatividade próxima, sempre dividiu com o Sol a atenção dos habitantes da Terra. No entanto, o esplendor da luz do Sol nos obriga a baixar os olhos.

A loura Febe, mais humana, se deixa contemplar na sua graciosidade modesta; ela é doce ao olhar, pouco ambiciosa.”

Júlio Verne¹⁵

“O que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual – conceitual prévia o ensinou a ver.”

Thomas Kuhn¹⁶

Lua crescente em virgem foi apresentado na coletiva “Uranus 1001” e na “Mostra de Exposições Individuais – EBA na Phábrica”, ambas realizadas em 2018, no âmbito de duas disciplinas do curso. Na primeira ocasião, a Lua foi projetada na empena de um prédio em frente à casa onde ocorreu a exposição, de modo que o público podia contemplar uma luazona

15 Cf. VERNE, Júlio. O Romance da Lua (1865). In: CUY, Sofía Hernández Chong; HOFF, Mônica (Org.). *A nuvem: uma antologia para professores, mediadores e aficionados da 9ª Bienal do Mercosul* | Porto Alegre. 1. ed. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013, p. 25.

16 Cf. KUHN, Thomas. As revoluções como mudanças de concepção de mundo (1962). In: *Ibidem*, p. 78.

pela janela. No Centro Cultural Phábrika, o mesmo vídeo foi projetado no teto inclinado da sala expositiva, sobre um sofá com as costas reclinadas, no qual o público era convidado a observar a Lua. As imagens foram feitas no Observatório do Valongo, da Faculdade de Astronomia da UFRJ.

Aproximo a Lua aumentando sua escala, exponho suas crateras, pondo em dúvida a origem das imagens. A Lua a olho nu é diferente do nítido astro visto pelo telescópio, que também difere-se da imagem captada pela câmera do celular e projetada na parede. A percepção visual não enxerga a realidade. Desde que o ser humano existe, já faz 300 mil anos¹⁷, sempre houve Lua para se observar. Não a vemos como nossos ancestrais, não por ela estar fisicamente mais distante, mas porque nós estamos cultural e temporalmente mais distantes dos nossos ancestrais. A humanidade agrega ininterruptamente novos conhecimentos e significados a partir do que já foi feito, condicionando nosso olhar para o mundo. Em *A Lua*, Vilém Flusser discorre sobre a sujeição da percepção à cultura.

“Quando olho a Lua em noites claras, não vejo um satélite da NASA. Vejo um C, ou um D ou um círculo luminoso. Vejo ‘fases da Lua’. A Lua muda de forma. Aprendi que tal mudança é aparente, que a Lua mesma não muda de forma. Porque ‘aparente’? A sombra da Terra não será tão real quanto o é a Lua ? O senso comum manda que eu veja mudanças não da ‘Lua em si’, mas da minha ‘percepção da Lua’. Tal senso comum não se estende a povos primitivos. Tais povos veem a Lua nascendo, morrendo e renascendo. Vejo a Lua, não apenas com os olhos, mas também com o senso comum à minha cultura. Tal senso comum me manda ver ‘fases da Lua’, mas não (ainda), ‘propriedade da NASA’. “¹⁸

17 Disponível em: <<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Humano>>. Acesso em: 17/05/2019.

18 Cf. FLUSSER, Vilém. *A Lua* (1979). In: CUY, Sofia Hernández Chong; HOFF, Mônica (Org.). Op. cit., p. 30.

Nossa visão da Lua se transformou ao longo da evolução, a diferença entre a cosmovisão e o conhecimento gera crises¹⁹: vemos a Lua como fenômeno da natureza e não como produto da nossa cultura urânica²⁰, que sempre a contemplou. Isso ocorre porque ela existe segundo suas próprias regras e não nos serve para nada objetivo em nossas vidas pessoais. Embora seja necessária para o equilíbrio do nosso planeta, ela não está lá, onde deve estar, para nos servir, como os produtos da cultura.²¹ O conhecimento científico não nos impede de vê-la poeticamente. Ao olhá-la tantas vezes, desde que surgimos como espécie, obtemos um vislumbre de sua realidade. Agora, depois de tantas camadas de significados, é mais difícil não olhar para ela sem o filtro de informações que produzimos. Fazendo o caminho inverso, agora, podemos ver o que sempre esteve potencialmente existindo. Tudo o que sabemos hoje sobre a Lua já era verdade antes de o sabermos.

“[...] Antes da NASA, a Lua era produto da cultura ‘urânica’ ocidental que tinha por meta projetada a sua derradeira manipulação pela NASA. Os nossos antepassados neolíticos olharam para a Lua (e assim a ‘pró - produziram’) a fim de transformá-la, em última instância, em plataforma para Vênus. E é isto que estamos vendo quando para ela olhamos, nós, os seus descendentes: símbolo de fertilidade, deusa, satélite natural, são várias fases do caminho rumo à plataforma. Vemos a Lua sempre como potencial plataforma, embora não o saibamos conscientemente. A NASA está em germe dentro do primeiro olhar dirigido rumo à Lua.”²²

19 Cf. Loc. cit..

20 “Culturas que passam o tempo olhando o céu (as chamadas ‘urânicas’), ‘pró-duzem’ a Lua que passa a ocupar papel importante em tais culturas.” Cf. Loc. cit..

21 Cf. Loc. cit..

22 Cf. Ibidem, p. 35.

Todos esses passos em direção ao aumentar de nossa consciência sobre onde estamos (tanto dentro do nosso planeta, quanto fora) ocasiona uma alteração em nossa própria escala, com um cenário maior e, conseqüentemente, com mais possíveis ações para realizar.

“Também o nosso conceito de distância se modifica ante a sensação de proximidade que temos ao contemplar a Lua. Saber que a distância da Terra ao satélite natural é de 380.000 km e visualizar fotos da Terra se pondo no horizonte lunar não apenas substituem o olhar romântico pela consciência cósmica, como também fundam uma nova escala psicológica. O próprio sistema solar passa a ser a nossa casa, a nossa referência, e não mais o homem. A ideia de distância se desfaz diante da grande incógnita que é a estrutura do universo.”²³

Ter consciência de uma escala maior significa se dar conta de que estar fisicamente em um lugar nos torna cegos ao que não está imediatamente em volta, ao todo. Isso também acontece quando saímos de um lugar para outro e nos deparamos com outro entorno. De certa maneira, estamos condenados a habitar a Terra e esse limite determina o que podemos ver do universo. Os artistas da Land Art dos anos 1960 já pesquisavam essa alteração da escala humana para uma escala geológica. Robert Smithson propõe a “Aerial Art” localizada no entorno dos aeroportos e que poderia ser vista nas decolagens e aterrissagens dos aviões:

23 KAC, Eduardo. O satélite e a obra de arte na era das telecomunicações (1986).In: CUY, Sofía Hernández Chong; HOFF, Mônica (Org.). Op. cit., p. 115.

“De modo que a arte deve ser instalada dentro e ao redor de um aeroporto nos tornando conscientes dessa nova paisagem. Assim como nossos satélites exploram e mapeiam a Lua e os planetas, também o artista pode explorar os lugares desconhecidos que cercam nossos aeroportos.[...] Essa arte é remota aos olhos do espectador do jeito que uma galáxia é remota da Terra. De fato, o aeroporto inteiro pode ser considerado conceitualmente como um universo artificial, e todo mundo sabe, tudo no universo conhecido não é inteiramente visível. Não há razão porque alguém não deva olhar para arte através de um telescópio.”²⁴

Para Smithson, a arte aérea não só alteraria as escalas espaciais, como também as escalas de tempo. Vejo que meus trabalhos citados podem causar o mesmo tipo de alteração, o tempo parece estar congelado.

“A arte aérea pode, portanto, não apenas dar limites para o ‘espaço’, mas também as dimensões de ‘tempo’ escondidas fora da duração natural — um tempo artificial que pode sugerir a distância galáctica aqui na Terra. [...] Esse aeroporto é apenas um ponto na vasta infinidade dos universos, um ponto imperceptível na imensidão cósmica, um grão no impenetrável lugar nenhum — arte aérea reflete em certa medida essa vastidão.”²⁵

24 Tradução nossa. No original: “How art should be installed in and around an airport makes one conscious of this new landscape. Just as our satellites explore and chart the moon and the planets, so might the artist explore the unknown sites that surround our airports.[...] This art is remote from the eye of the viewer the way a galaxy is remote from the earth. In fact, the entire air terminal may be considered conceptually as an *artificial universe*, and as everyone knows, everything in the known universe isn’t entirely visible. There is no reason why one shouldn’t look art through a telescope.[...]” Cf. SMITHSON, Robert. *Aerial Art* (1969). In: FLAM, Jack (Ed.). *Op. cit.*, p. 116-117.

25 Tradução nossa. No original: “Aerial art can therefore not only give limits to “space,” but also the hidden dimensions of “time” apart from natural duration — an *artificial time* that can suggest galactic distance here on earth. [...] This airport is but a dot in the vast infinity of universes, an imperceptible point in a cosmic immensity, a speck in an impenetrable nowhere — aerial art reflects to a degree this vastness.”. Cf. *Ibidem*, p.117.

III.

Flusser²⁶ diz que podemos duvidar que o homem pisou na Lua, assim como da própria existência da Lua. No primeiro caso seria duvidar da cultura, no segundo, da natureza. Duvidar da natureza, com método, é o que a ciência faz. Duvidar da cultura não seria possível, pois as autoridades podem pagar para provar suas verdades. As imagens transmitidas pela mídia, via satélite, têm sido lançadas de forma unilateral sobre a grande massa populacional. As fontes – grandes empresas que controlam os meios de comunicação – despejam sobre o espectador verdades prontas, podendo a possibilidade de realidades mais criativas e subjetivas. Como no vídeo da Lua, as imagens em *Planetas não piscam* são duvidosas, não apresentam a resolução nem o tamanho das imagens obtidas e transmitidas por sondas e satélites. Tampouco é a imagem que temos a olho nu do planeta Saturno, que se passa por uma estrela que não pisca.

“O controle institucional dos meios de comunicação planetários é, na verdade, o controle do imaginário coletivo e, portanto, da consciência social e individual, pois este mecanismo filtra as palavras, os sons, as imagens e as ‘sintaxes’ a que o grande público pode ter acesso, impondo uma visão de mundo limitada e limitadora. Contrariamente, o artista usa os mesmos meios de maneira livre, solta a imaginação (a sua e a do público) no espectro de frequências empregado nas telecomunicações terrestres e espaciais. Ao exercer domínio sobre hardwares e sistemas, o artista não só recupera para a arte um pouco da espontaneidade característica da conversação interpessoal, em que cada estímulo corresponde a outro, numa reação em cadeia de improvisos, como também a equilibra com o uso racional e programático da teletecnologia. Desta harmonia

26 Cf. FLUSSER, Vilém. Op. cit..

resulta, então, uma nova experiência, que só pode ser realmente vivenciada no terreno da arte, que não tem por obrigação comunicar mensagens fechadas, nem empregar sistemas de maneira ortodoxa.”²⁷

As imagens também foram capturadas no Observatório do Valongo. Na edição do vídeo faço Saturno ficar piscando em looping. Ele foi exibido em um monitor de computador antigo no chão, sob a projeção da Lua, em uma sala escura do Centro Cultural Phábrika. O observador tinha que se aproximar e se abaixar para notar o planeta piscando no fundo preto e uniforme da tela. A imagem no monitor lembra um jogo antigo de videogame.

²⁷ KAC, Eduardo. Op.cit..

IV.

Netuno é um texto ficcional que diz respeito ao trabalho de mesmo título, também exposto em «Espaço entre dois instantes». O trabalho é uma instalação sonora, um áudio que tocava em looping no banheiro do Centro Cultural Phábrika. O ruído alto e digital é uma tradução de imagens do planeta Netuno (obtidas pela internet) em arquivos de som. Essa transformação de dados de imagens para sons foi produzida com o programa Bitmap & Waves.

V.

O trabalho de Mira Schendel da série *Objetos gráficos* e os seguintes trechos do texto *Uma sedimentação da mente: projetos de terra*, de R. Smithson dialogam com o texto *Como nasceram as palavras?*:

“[...] A mente e a terra encontram-se em um processo constante de erosão: rios mentais derrubam encostas abstratas, ondas cerebrais desgastam rochedos de pensamento, idéias se decompõem em pedras de desconhecimento, e cristalizações conceituais desmoronam em resíduos arenosos da razão. Faculdades em amplo movimento se apresentam nesse miasma geológico e se movem da maneira o mais física possível. Embora esse movimento seja aparentemente imóvel, ele arrebenta a paisagem da lógica sob devaneios glaciais. Esse fluxo lento torna consciente o turbilhão do pensamento. Colapsos, deslizamentos de escombros,

avalanches, tudo isso acontece dentro dos limites fissurados do cérebro. [...] ²⁸

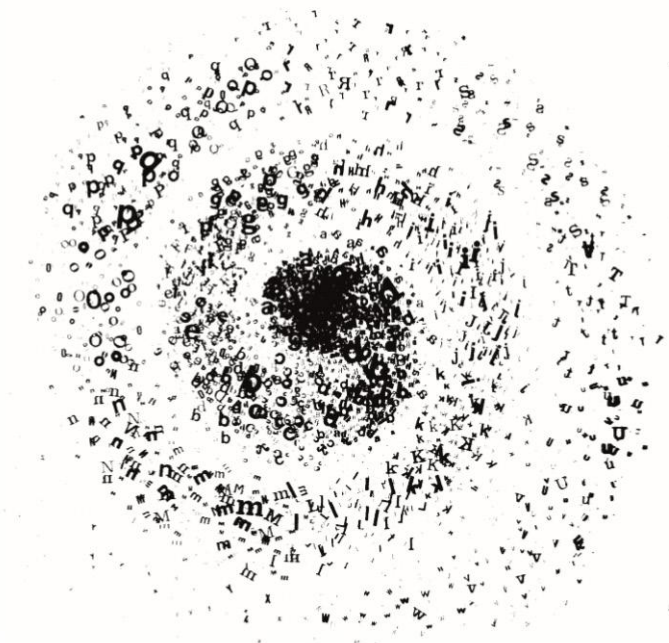


Figura 2 — Mira Schendel, [Sem título]. 1972. [Print de detalhe da série *Objetos gráficos*] ²⁹.

28 Cf. SMITHSON, Robert. Uma sedimentação da mente: projetos de terra (1968). In: FERREIRA, Glória & COTRIM, Cecília. *Escritos de artista: anos 60/ 70*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2006, p. 183.

29 Imagem retirada da capa de *Galáxias* [*Galáxias - 2ªed., de Haroldo de Campos*. São Paulo: Editora 34, 2004].

“Os nomes de minerais e os próprios minerais não se diferem, porque no fundo tanto do material quanto do sinal impresso está o começo de um número abissal de fissuras. Palavras e rochas contém uma linguagem que segue a sintaxe de fendas e rupturas. Olhe para qualquer *palavra* por bastante tempo e você vai vê-la se abrir em uma série de falhas, em um terreno de partículas, cada uma contendo seu próprio vazio. Essa linguagem desconfortável da fragmentação não oferece nenhuma solução gestalt fácil; as certezas do discurso didático são arrastadas na erosão do princípio poético. Perdida para sempre, a poesia precisa se submeter à sua própria vacuidade; é de algum modo um produto da exaustão, mais do que da criação. A poesia é sempre uma linguagem agonizante, mas nunca uma linguagem morta.”³⁰

30 Cf. SMITHSON, Robert. Op.cit., p. 192.

VI.

20181011_114359_2 é um vídeo filmado no pátio do Colégio Pedro II, na Unidade do Engenho de Dentro para a exposição “Efêmera”, no mesmo colégio. Filmado entre a saída do turno da manhã e a entrada do turno da tarde, com a lente da câmera de celular junto à lente de um binóculos. O vídeo se passa na escola — um dos primeiros lugares em que convivemos com outras pessoas. Nos vemos separados delas e, ao mesmo tempo, capazes de compartilhar pensamentos e nos comunicar. Através da linguagem podemos, a princípio, pensar e dizer para alguém que vai visualizar mentalmente o que dissemos. Deixamos sair e entrar palavras, gestos e entonações. Essa troca, por mais truncada, falha e sem a objetividade de uma expressão matemática, possibilita que as coisas sejam criadas, inclusive a matemática.

Na edição volto a pensar na linguagem, em como a partir dela construímos a realidade. Editar um vídeo é quase o oposto de uma relação interpessoal. Disponho as imagens conforme minha vontade, corto as partes que não me dizem nada. Substituo o burburinho real do ambiente por sons traduzidos de dois frames do vídeo pelo programa Bitmap & Waves. O software transforma matematicamente os valores de uma imagem no formato bitmap em arquivos de som, produzindo um ruído obscuro como o interior de cada pessoa. Um dos prints do vídeo produz um barulho que vai aumentando e se intensificando gradualmente ao longo do trabalho. O outro frame é traduzido em um ruído que colo coincidindo com o piscar dos olhos da “câmera de segurança”. O piscar é provocado pelo desencontro das lentes da câmera do celular e do binóculos.

VII.

Beira do fundão, vídeo filmado na praia do Parque Tecnológico da Cidade Universitária da UFRJ, também participou da “Mostra de exposições individuais - EBA na Phábrika”. O vídeo de 26 segundos passava em looping em uma televisão de tubo no chão, junto ao computador com o vídeo *Planetas não piscam*, de frente para o sofá sobre o qual estava a Lua. O vídeo mostra ondas puxadas pela Lua projetada acima. A maré é baixa e as ondas remexem um lixo colorido e bonito que boia sem sair do lugar. Não há correnteza. Folhas, galhos, uma caixa de ovos amarela, copos de guaraná natural, tampinhas de garrafa de refrigerante e outros pedacinhos de restos de coisas que foram produzidas, mas que agora já cumpriram sua função, estão presos num looping eterno. Inúteis, esperam a decomposição. O tempo de muitos materiais feitos pelo ser humano é de escala geológica, bem maior do que o tempo de vida humana, infinitamente maior do que o tempo de vida útil desses produtos. O barulho de água reforça a ideia de um tempo parado.

O trabalho reflete pessimismo em relação à situação de destruição do nosso meio ambiente. O contraditório é a “beleza” estética do lixo. No texto “Esperando Gaia. A composição de um mundo em comum por meio da arte e da política”, Bruno Latour discorre sobre como a percepção do sublime foi alterada comparando-a ao contexto do século XIX, no romantismo. A natureza percebida era de uma escala muito maior do que a humana. No século XXI, as mudanças que o ser humano causa à Terra são de proporções tão grandes que a natureza parece mudar de escala, diminuir. E admirá-la não nos traz a sensação do sublime como antes porque sabemos que sua destruição é real e que sem ela também não existiremos.

“[...] como ainda é possível sentir o sublime enquanto se assiste às cachoeiras ‘eternas’ cantadas por Shelley, quando, número 1, você sente, ao mesmo tempo que elas podem desaparecer; quando, número 2, você pode ser o responsável pelo seu desaparecimento; quando, número 3, você se sente duplamente culpado por não se sentir responsável [...]”³¹

“[...] Essa desconexão se altera de tal forma, que não gera mais nenhuma percepção do sublime desde que somos incitados a assumir responsabilidade pelas mudanças rápidas e irreversíveis vivenciadas na superfície da Terra. [...] talvez somente as galáxias e a Via Láctea continuem disponíveis para esse antigo jogo de humildade do deslumbramento, por estarem além da Terra (e, portanto, além de nosso alcance, por estarem situados na parte da natureza que os antigos chamaram de supralunar [...])”³²

As circunstâncias específicas que possibilitaram a existência humana não são percebidas e não temos a sensação do sublime ao contemplar a “natureza” porque simplesmente esse tipo de sentimento não seria coerente com a situação real de destruição que a atual fase do capitalismo impõe. Embora disfarçada a todo custo, a exploração da Terra e do próprio ser humano se faz por ela mesma, o propósito já foi esquecido.

No meio dos excessos de imagens, busco aquelas que estão mais escondidas, mas que de algum modo exibem o

31 Cf. LATOUR, Bruno. Esperando Gaia. A composição de um mundo em comum por meio da arte e da política (2011). In: CUY, Sofía Hernández Chong; HOFF, Mônica (Org.). Op. cit., p. 57.

32 Cf. Ibidem, p. 54.

que não é visível, como o tempo, o macro e o micro cosmos e a nossa relação com eles. As imagens dos vídeos, do texto e das fotografias se complementam para entender e reorganizar o contexto humano atual de uma perspectiva subjetiva. Esta monografia foi uma oportunidade para pensar sobre os trabalhos realizados e sobre o que eles dizem respeito. Eles falam sobre temas que são como segmentos de reta de retas infinitas, tateiam uma imensidão escura como o espaço e mostram que estamos contidos em uma amplidão física e conceitual. São a tentativa de nos colocar numa escala maior, lembrando que não temos apenas nosso entorno imediato ou apenas o tempo de nossa existência pessoal como tempo de vida. Quando consideramos que temos a soma da idade de todos os nossos ancestrais podemos nos ver como eles responsáveis pelo que se segue.

Índice de imagens



Um dia tem apenas 23 horas e 56 minutos, 2018
pg. 17



Sem título, 2018
pg. 21



Relógio cósmico, 2016
pg. 23



Sem título, 2019
pg. 25



Sem título, 2015
pg. 27



Superfície lunar, 2019
pg. 28



Parador, 2016
pg. 32



Sem título, 2018
pg. 35



Fábrica de relógios cósmicos, 2016
pg. 36



Sem título, 2018
pg. 39



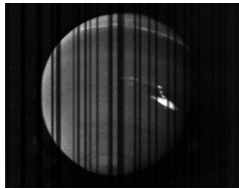
Lua crescente em virgem, 2018
pg. 40



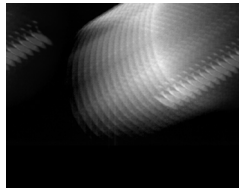
Planetas não piscam (Saturno), 2018
pg. 41



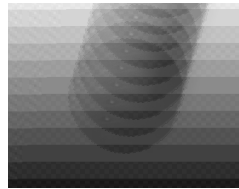
Escada para outras dimensões, 2019
pg. 43



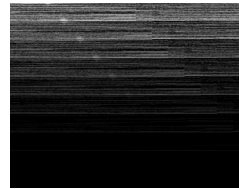
Netuno 1, 2019
pg. 44



Netuno 2, 2019
pg. 45



Netuno 3, 2019
pg. 46



Netuno 4, 2019
pg. 47



Sem título, 2016
pg. 49



Sem título, 2019
pg. 50



Aglomerado Globular, 2019
pg. 54



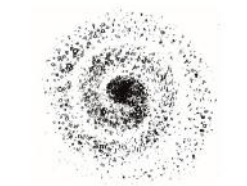
Beira do fundão, 2018
pg. 56



Sem título, 2018
pg. 57



Felix Gonzales Torres
"Untitled" (Perfect lovers), 1991
pg. 63



Mira Schendel
Sem título (detalhe da série Objetos Gráficos), 1972
pg. 72

Bibliografia

BERGSON, Henri. A natureza do tempo. In: _____. *Duração e simultaneidade: a propósito da teoria Einstein*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FLUSSER, Vilém. A Lua (1979). In: CUY, Sofía Hernández Chong; HOFF, Mônica (Org.). *A nuvem: uma antologia para professores, mediadores e aficionados da 9ª Bienal do Mercosul/ PortoAlegre*. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013.

KAC, Eduardo. O satélite e a obra de arte na era das telecomunicações (1986). In: CUY, Sofía Hernández Chong; HOFF, Mônica (Org.). *A nuvem: uma antologia para professores, mediadores e aficionados da 9ª Bienal do Mercosul/ Porto Alegre*. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013.

KUHN, Thomas. As revoluções como mudanças de concepção de mundo (1962). In: CUY, Sofía Hernández Chong; HOFF, Mônica (Org.). *A nuvem: uma antologia para professores, mediadores e aficionados da 9ª Bienal do Mercosul/ Porto Alegre*. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013.

LATOUR, Bruno. Esperando Gaia. A composição de um mundo em comum por meio da arte e da política (2011). In: CUY, Sofía Hernández Chong; HOFF, Mônica (Org.). *A nuvem: uma antologia para professores, mediadores e aficionados da 9ª Bienal do Mercosul/ Porto Alegre*. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013.

MANTELLATTO, Paulo Meira Bonfim. A Lua. In: _____. *As Influências da Lua na Terra e o Fenômeno das Marés*. Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia;UFSCAR, São Carlos, SP, 2012. p.12. Disponível em: <<https://www.dm.ufscar.br/dm/>>

<index.php/component/attachments/download/19>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

OLIVEIRA FILHO, Kepler de Souza; SARAIVA, Maria de Fátima Oliveira. *A Escala do Universo* (2012). Disponível em: <astro.if.ufrgs.br/escala/escala.htm>. Acesso em: 17 abr. 2019.

Os jovens e efêmeros anéis de Saturno. Seção Astronomia. *Revista Pesquisa FAPESP*. ano 20. n. 276. fev. 2019. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2019/02/11/os-jovens-e-efemeros-aneis-de-saturno/>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

SMITHSON, Robert. O Artista como observador de lugares; ou um ensaio diantrófico (1966-67). In: BENETTI, Liliane; EWBANK, Antônio (Tradução). Escritos não publicados de Robert Smithson. Seção Escritos de Artistas. *Revista ARS (São Paulo)*. v.16. n.34. USP, 2018. p. 217-313. Disponível em: <www.revistas.usp.br/ars/issue/view/10875>. Acesso em: 11 jun. 2019.

_____. Uma sedimentação da mente: projetos de terra (1968). In: FERREIRA, Glória & COTRIM, Cecília. *Escritos de artista: anos 60/ 70*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2006.

_____. AerialArt (1969). In: FLAM, Jack (Ed.). *Robert Smithson: The Collected Writings*. Berkeley: University of California Press, 1996.

_____. Incidents of mirror - travel in the Yucatan (1969). In: FLAM, Jack (Ed.). *Robert Smithson: The Collected Writings*. Berkeley: University of California Press, 1996.

VERNE, Júlio. O Romance da Lua (1865). In: CUY, Sofia Hernández Chong; HOFF, Mônica (Org.). *A nuvem: uma antologia para professores, mediadores e aficionados da 9ª Bienal do Mercosul/ Porto Alegre*. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013.

Verbetes

Anéis de Saturno. *Wikipédia*, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A9is_de_Saturno>. Acesso em: 25 abr 2019.

Humano. *Wikipédia*, 2019. Disponível em: <<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Humano>>. Acesso em: 17 maio 2019.

